

# DA APROXIMAÇÃO À DISTÂNCIA. PENSAMENTOS SOBRE SER HUMANO

*Posted on 13. Februar 2020*

### *Um ponto de vista **do Sean Henschel.***

O mundo ocidental tem sido frequentemente apressado no passado e ainda o é. Na história europeia houve inúmeras tentativas de explicar, definir e descrever o homem, mas até onde o homem realmente chegou? Porque, segundo Thomas Hobbes, o homem é suposto ser mau por natureza, pode não ser convincente numa inspecção mais atenta. Será que nós, humanos, não sentimos empatia investida em nós? Jean-Jacques Rousseau, no seu tratado sobre as origens e fundamentos da desigualdade entre os seres humanos, pinta um quadro diferente do homem e vê o ser humano original como um ser vivo que não é nem bom nem mau, nem virtuoso nem perverso, nem moral nem imoral.

Para Rousseau, o homem natural é uma criatura que persegue o instinto, exclusivamente em busca da satisfação de suas necessidades naturais. O homem natural não tem nenhum desejo apaixonado por bens materiais e não desenvolve nada que possa ser compreendido por uma cultura. O homem de origem, isolado mas independente, não está preocupado com o outro.

A desigualdade existente é o resultado de que a formação de uma sociedade para a satisfação de necessidades e desejos ampliados cria novas e sem precedentes relações de dependência. Isto também trouxe novos critérios para diferenciar os indivíduos que vivem juntos na sociedade. Se as sociedades foram realmente formadas com o objetivo de permitir a realização de necessidades e desejos ampliados ou se a formação acidental de uma sociedade trouxe necessidades e desejos à existência, permanece em aberto.

O ser humano original sem razão era a natureza. O homem civil criou a distância para a natureza. Rousseau estava ciente de que seus pontos de vista foram formulados hipoteticamente. Ele admite que o ser humano original pode nunca ter existido e que um caminho de volta também está fora de questão. A idéia de pensar sobre as origens do homem deveria ter a função de trazer mais luz à sociedade civil. Rousseau queria compreender melhor a distância que o homem civil tinha construído entre si e as suas origens. Talvez a análise do passado estivesse ligada à esperança de poder mudar as condições de vida actuais e de reintroduzir comportamentos antigos, experimentados e testados e de tornar a vida novamente mais suportável e menos alienada.

As necessidades da natureza analisadas por Rousseau, tais como comer, beber, dormir e reproduzir-se, ainda hoje podem ser identificadas. A razão pela qual o homem natural não deveria ter vivido em uma sociedade ou porque não tinha uma linguagem real à sua disposição para formular idéias abstratas permanece obscura. Uma coisa, além da empatia natural, parecia ter sido

observada também por Rousseau, a saber, o impulso inerente à perfeição.

Aqueles que olham para o Oriente e se aprofundam na filosofia oriental e asiática encontrarão novas abordagens para soluções antropológicas. As abordagens explicativas são muito diferentes da forma de pensar ocidental e oferecem às formas de pensar centradas na Europa a possibilidade de uma mudança de perspectiva. Onde quer que no Ocidente se procure uma distância, uma separação do que está a acontecer, no Oriente entendemo-nos a nós próprios como parte deste acontecimento. Onde no Ocidente se viu obrigado a falar do ambiente, no Oriente falava-se do ambiente.

Apesar da falta de certeza sobre as questões ontológicas e antropológicas que nos preocupam, continua a ser uma necessidade continuar a reflectir sobre isto. Podemos não ser capazes de responder com certeza a todas as perguntas abertas e interessantes num futuro próximo, mas não devemos esquecer que devemos muito a muitos pensadores. O fato de que seria difícil ou mesmo impossível compreender a natureza da humanidade já naquela época causou dores de cabeça intelectuais. O filósofo pensador já estava confrontado com o problema de que ele próprio, como observador, fazia parte de uma sociedade, moldada e influenciada pela história, cultura e educação. Um ponto de partida neutro para a observação parecia, desde o início, desesperançoso. Permaneceu e permanece com abordagens especulativas, preconceitos, ideias abstractas, interpretações e crenças. A necessidade do pensamento académico não é de forma alguma negada.

Alguns dos profetas e filósofos eram certamente tudo menos criaturas independentes e corajosas, mas será que às vezes não faz sentido separar o pensamento do pensador? Mesmo que a inclusão do contexto e dos antecedentes de uma afirmação tenha a sua justificação, pode um quadro, por exemplo, ser bonito para além do conhecimento do artista? Será que as pinturas de Emil Nolde ficaram feias de repente depois de ele ter tomado consciência da sua atitude nacional-socialista e anti-semita? Na Grécia antiga a assinatura era em parte esquecida e também não se encontra na arte tradicional africana. A assinatura e a identificação do artista é uma questão cultural e, portanto, relativa.

Porque é que se deve sequer dirigir a Rousseau? A explicação das chamadas necessidades naturais da humanidade parece não ter perdido nada da sua veracidade ao longo dos séculos. Precisamos de comida regular, bebida, sono saudável e sentir a vontade de ter relações sexuais com outros, seja para satisfazer os nossos desejos ou para nos reproduzirmos. A primeira publicação deste escrito foi no ano 1755, hoje é o ano 2020. 265 anos se passaram sem que pudéssemos afirmar

positivamente que realmente resolvemos a maior parte dos problemas humanos. É claro que as condições de trabalho nas fábricas do Ocidente melhoraram, o trabalho infantil foi banido e a semana de 40 horas foi introduzida. Mas como se pode manter a ilusão de uma civilização ocidental desenvolvida e moderna quando é óbvio que nem mesmo as necessidades básicas do povo podem ser satisfeitas? Ainda hoje, as pessoas dormem nas ruas e morrem congeladas no inverno. Até hoje, a maioria é forçada a trabalhar a tempo inteiro para proporcionar um abrigo acolhedor. Até hoje, só os privilegiados podem pagar uma alimentação saudável. Até hoje, cada vez mais pessoas se queixam do aumento de doenças sociais. E só hoje, de todos os dias, uma redução contínua da fertilidade, tanto em homens como em mulheres, está a tornar-se aparente, devido ao chamado estilo de vida moderno e civilizado. Obviamente, as necessidades básicas das pessoas não têm sido o foco das decisões políticas durante muito tempo. Jean Ziegler tem razão quando afirma que a falta objectiva foi superada e que agora é apenas uma questão de redistribuição. A questão é: porque é que o mundo industrializado e altamente tecnológico não consegue resolver as necessidades naturais de uma vez por todas a longo prazo?

O que aconteceu para garantir que, mesmo no século XXI, a humanidade não esteja no centro das decisões orientadas para o futuro? O progresso altamente elogiado não tem necessariamente de ser algo mau, mas a questão da utilidade e do estabelecimento de prioridades deve ser colocada se as massas de pessoas não beneficiarem significativamente com ele.

O que muitas vezes falta, e isto é demasiado evidente no século XXI, é a esperança de uma solução satisfatória para os problemas nacionais e globais que afectam as pessoas como indivíduos e a humanidade como um todo. O que falta é uma compreensão dos mecanismos deste mundo, das causas da desigualdade e também a coragem para mudar. No tempo presente, como em qualquer outra época, é importante não perder a esperança de que pode haver um futuro melhor. Mas esta mudança não vai acontecer da noite para o dia.

A perversão e destruição que está ocorrendo em todo o mundo não desaparecerá, de forma alguma, por si só. Em última análise, cada indivíduo só pode agir no âmbito das suas possibilidades. O que muitas vezes nos impede é uma falsa imagem das nossas próprias possibilidades e, além disso, uma condução diária da mente para cenas secundárias. Inúmeros bens são produzidos e oferecidos para satisfação mental, mas nenhum bem no mundo pode pôr um fim às vadias infelizes. Pelo contrário, eles encorajam a atividade agitada do homem para colocá-lo em um estado de movimento constante e sem sentido, o que Blaise Pascal provavelmente chamou de distração.

Um bom novo começo pode ser visto no fato de que as necessidades básicas abordadas por Rousseau devem ser atendidas o mais rápido possível num futuro próximo. O problema da água potável continua a ser global, mas, pelo menos na Alemanha, é de natureza secundária. No que diz respeito à nutrição, é certamente possível comprar bons alimentos, mas apenas no quadro das próprias possibilidades económicas. Os supermercados oferecem muitos alimentos, mas aqueles que tentam anotar todos os aditivos ou até mesmo encontrar um produto sem açúcar ficarão ocupados por várias horas. E o sono? Por que tantas pessoas estão tão cansadas e exaustas? A lista de fatos que precisam ser melhorados é longa, mas manejável.

O que falta a muitas pessoas neste país são sugestões e oportunidades alternativas para desbravar novos caminhos. Para a maioria deles são necessários grandes sonhos e visões, um sentido de participação em processos futuros e de autocapacitação. Mesmo que muitas alternativas sejam mantidas em silêncio, isso não muda o fato de que elas já existem.

Fala-se cada vez mais de digitalização e robotização e a população está assustada. Nesses debates, o foco está sempre no fato de que os empregos serão perdidos, que o futuro não é seguro e que um aumento da produtividade também não é certo. Toda esta questão é observada como uma tendência incontável, um novo poder ao qual a humanidade deve submeter-se. Mas ainda são as próprias pessoas que estão levando adiante a digitalização e a robotização. Inúmeros start-ups estão sendo criados no mundo inteiro para criar novos produtos digitais e sistemas robóticos e vendê-los de forma lucrativa para grandes indústrias. Isto é então justificado pela necessidade de maior eficiência e modernidade, sem perguntar quem vai se beneficiar no final. Assumindo que o novo software digital torna possível trabalhar "mais eficientemente" e reduzir a mão-de-obra, por que não há debate sobre a correção da semana de 40 horas?

Há muitas perguntas que devem ser feitas. Mas pode ser observado e este é um bom ponto de viragem. Com a tecnologia atual, o princípio do crowdfunding está se tornando cada vez mais popular e permite que as pessoas criem inovações e projetos justos e especificamente resolvam problemas. Novos sistemas de informação, se utilizados adequadamente, podem desencadear um enorme potencial. Apesar de todas as notícias negativas, as pessoas rapidamente esquecem o quanto positivo já está em curso. A aproximação dos cidadãos através de estruturas de crowdfunding torna possível tomar um terceiro caminho, como complemento da nacionalização e privatização. Aqueles que se mantêm concentrados e orientados para metas podem alcançar muito.

Para colocar nas palavras do rapper francês Ali (Yassine Sekkoumi)

*"Energia positiva, energia positiva."*

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

Referência da imagem: / IMG StockStudi0 / estoque de persianas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.



18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK

BitCoin endereço: